

## “Anita retratada pelos irmãos Zumblick”

Míriam Karla Machado  
mikafloripa@gmail.com  
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O conjunto de obras que menciona ou retrata a heroína catarinense Anita Garibaldi é extenso. Apesar de tantas obras existentes este artigo visa mostrar especificamente como os irmãos Walter e Willy Zumblick retrataram Ana Maria de Jesus Ribeiro, mais conhecida como Anita Garibaldi. Através do romance *Aninha do Bentão*, de Walter Zumblick, e de sete quadros e cinco desenhos de Willy Zumblick, produzidos entre as décadas de 1950 e 1980, é possível perceber as representações que reforçam a ideia da “Heroína dos Dois Mundos”.

Palavras-chave: Anita Garibaldi, Arte Catarinense, Heroína dos Dois Mundos, Zumblick.

Abstract: The collection of books that refer to or describe the heroine of the State of Santa Catarina Anita Garibaldi is large. Despite so many existent books this article intends to show specially how the brothers Walter and Willy Zumblick described Ana Maria de Jesus Ribeiro, more known by the name of Anita Garibaldi. Through the novel *Aninha do Bentão* by Walter Zumblick and seven pictures and five illustrations by Willy Zumblick, produced between the decades of 1950 and 1980, it is possible to perceive the representations that emphasize the thought about “The Heroine of the Two Worlds”.

Keywords: Anita Garibaldi, The Art of the State of Santa Catarina, Heroine of the Two Worlds, Zumblick.

Muito já se escreveu sobre Anita Garibaldi, a primeira mulher catarinense a figurar na História de Santa Catarina. A “Heroína dos Dois Mundos” lembrada em verso e prosa também mereceu atenção de dois irmãos catarinenses que a retrataram em palavras e pinceladas. Anita Garibaldi aparece em alguns livros e em obras diversas, mas este artigo trabalhará somente com as obras dos irmãos Walter e Willy Zumblick e na perspectiva de mostrar como o mito da heroína Anita foi retrato por eles. Não se trata da História de Anita ou da Revolução Farroupilha e sim uma leitura dos retratos de Anita presentes nas obras destes irmãos. Os “retratos” ou representações aqui trabalhados se encontram no livro escrito por Walter Zumblick *Aninha do Bentão*<sup>1</sup> e em sete quadros e cinco desenhos<sup>2</sup> de Willy Zumblick.

---

<sup>1</sup> ZUMBlick, Walter. *Aninha do Bentão*. Tubarão: Secretaria de Educação, Cultura e Esporte, 1980.

<sup>2</sup> Imagens: *Retrato de Anita*, 1956; *Retrato de Anita*, 1965; *Garibaldi e Família na Itália*, 1970; *Anita Tentando Sair do Cerco*, 1976; *Anita e Giuseppe Garibaldi*, 1984; *Anita à Procura de Garibaldi*, 1978; *Anita Enfermeira*, 1978; *Anita acompanha a invasão de Lages*, 1979; *Anita em combate no Rio Marombas*, 1979; *Anita na batalha naval de Imbituba*, 1979; *A última viagem de Anita*, 1979; *Fuga de Anita com seu Filho Menotti*, 1979. Todas as imagens de autoria de Willy Zumblick foram retiradas do site “Zumblick - Catálogo de Obras”. O projeto é de autoria do Escritor/Jornalista Volnei Martins Bez, do Professor Valmiré Rocha dos Santos e do Fotógrafo Carlos Rocha. Disponível em: <http://www.zumblick.com.br>.



O foco principal será o já referido livro *Aninha do Bentão*, sendo as ilustrações de Willy utilizadas para reforçar os “retratos” feitos por Walter em seu livro.

Vale ressaltar que este livro teve duas edições. A primeira<sup>3</sup> em 1980, patrocinada pela Prefeitura Municipal de Tubarão, com várias imagens que referenciam a heroína, incluindo quadros de Willy e desenhos<sup>4</sup>, também de Willy, que provavelmente foram feitos especificamente para compor o livro.



Imagem 1: Anita na batalha naval de Imbituba  
Crayon sobre papel, 1979  
Acervo: Ilustração do livro "Aninha do Bentão", de  
Walter Zumblick, 1981, p. 44.  
Fonte: Zumblick Catálogo de obras.



Imagem 2: Anita em combate no Rio Marombas  
Crayon sobre papel, 1979  
Acervo: Ilustração do livro "Aninha do Bentão", de  
Walter Zumblick, 1981, p. 65.  
Fonte: Zumblick Catálogo de obras.

A reedição<sup>5</sup> do livro em 1999 foi patrocinada pela Universidade do Estado de Santa Catarina, na qual se manteve o texto da primeira edição na íntegra, mas com capa e ilustrações diferentes. Onde na primeira edição havia várias ilustrações de artistas e tipos diversos no decorrer do livro, na segunda foi utilizada somente ilustrações de Willy Zumblick localizadas no final dele. Vale ressaltar que quando da reedição do livro o reitor da Universidade do Estado de Santa Catarina era Raimundo Zumblick, filho de Willy e, portanto sobrinho de Walter. Esse fato pode explicar o porquê de na sua reedição serem retiradas as ilustrações de outros artistas e serem mostradas somente as de Willy. Sobre os quadros de Willy utilizados neste artigo, cabe dizer que datam de anos anteriores ao livro *Aninha do Bentão*.

<sup>3</sup> ZUMBLICK, Walter. *Aninha do Bentão*. Tubarão: Secretaria de Educação, Cultura e Esporte, 1980.

<sup>4</sup> Imagens 1, 2, 3 e 4.

<sup>5</sup> ZUMBLICK, Walter. *Aninha do Bentão*. Florianópolis: Ed. da UDESC, 1999.

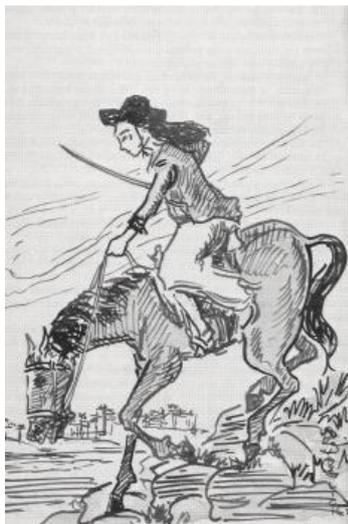


Imagem 3: Anita acompanha a invasão de Lages  
Crayon sobre papel, 1979  
Acervo: Ilustração do livro "Aninha do Bentão",  
de Walter Zumblick, 1981, p. 70.  
Fonte: Zumblick Catálogo de obras.



Imagem 4: A última viagem de Anita  
Crayon sobre papel, 1979  
Acervo: Ilustração do livro "Aninha do Bentão", de  
Walter Zumblick, 1981, p. 79.  
Fonte: Zumblick Catálogo de obras.

Walter Carlos Zumblick e Willy Alfredo Zumblick nasceram na cidade de Tubarão em 1908 e 1913 respectivamente. Walter, entre as várias atividades profissionais exercidas também exerceu a atividade de historiador. Segundo Nereu Corrêa<sup>6</sup>, ele foi um “historiador honesto e consciencioso” que em seu livro *Aninha do Bentão* “traça o perfil sentimental e épico da nossa heroína. Mas fê-lo dentro dos parâmetros históricos, e sem temer de pôr o dedo nos pontos nevrálgicos da sua biografia”.<sup>7</sup> Willy, talvez o mais conhecido dos dois, foi um grande artista plástico, mais conhecido por seus quadros que retratam o cotidiano, as festas tradicionais e a história catarinense. Para Lélia da Silva, a arte de Willy é vida, “num estilo inconfundível, resgata de forma extraordinária os principais episódios históricos acontecidos em Santa Catarina”.<sup>8</sup>

Apesar de Nereu Corrêa afirmar que Walter Zumblick foi um historiador honesto e consciencioso e que escreveu o romance *Aninha do Bentão* dentro dos parâmetros históricos, pouquíssimas vezes em sua obra Walter nos fornece as fontes em que se baseou para redigir seu livro. Pretendendo fazer uma cartilha destinada aos jovens, que fosse adotada pelas escolas como a “verdadeira” história da “Heroína dos Dois Mundos” e tornando, assim, Anita em um exemplo de mulher, de mãe e de cidadã, deixa brechas pra que se façam críticas

<sup>6</sup> Escritor, crítico-literário e presidente da Academia Catarinense de Letras na época. Disponível em: [http://www.cfh.ufsc.br/~simpozio/Catarinense/Discurso\\_catarinense\\_texto\\_mega/98sc00026.html](http://www.cfh.ufsc.br/~simpozio/Catarinense/Discurso_catarinense_texto_mega/98sc00026.html).

<sup>7</sup> CORRÊA, Nereu. Prefácio. In: ZUMBLICK, Walter. *Aninha do Bentão*. Florianópolis: Ed. da UDESC, 1999. p. 13 e 14.

<sup>8</sup> SILVA, Lélia Pereira da. *Zumblick uma história de vida e de arte*. Brasília: Ed. do Senado Federal, 1993. p. 33.

quanto à veracidade dos fatos apontados e não permitem que esses mesmos jovens tenham acesso as fontes, para, através delas, fazer sua própria interpretação da história. Talvez isso se deva ao fato de Walter ser mais jornalista do que historiador. Seria ele um historiador amador sem os suportes metodológicos para tal trabalho historiográfico, sendo sua obra mais configurada como romance, quase ficção, repleto de lirismos do que uma obra historiográfica. Mas não se pode culpá-lo de todo, já que na época em que escreveu seu romance não era comum o debate sobre a distinção entre narrativa histórica e narrativa ficcional/literária. É a partir da década de 1980, e, portanto logo após a publicação de seu romance, que os debates sobre essa distinção começam a aparecer. Segundo Sandra Pesavento, coube a Paul Ricoeur iniciar uma discussão mais aprofundada da narrativa no campo da História.<sup>9</sup> Ricoeur diz que a ficcionalização da história:

Se daria não apenas pelo papel ocupado pela imaginação na narrativa histórica, na sua função de configurar uma temporalidade, mas no papel central que o imaginário desempenha na construção deste ter sido que vem a ser o passado, colocando-se no seu lugar e figurando como se fosse a realidade. Ora, com tais elementos fictícios, a história se aproximaria do tipo de construção de intriga presente na narrativa literária, mas construindo uma ilusão controlada, pelos traços ou fontes e pela pretensão de verdade.<sup>10</sup>

Em certa medida, Walter Zumblick, em seu romance, faz uma história narrativa tradicional e, nesse sentido, é interessante mencionar que um dos primeiros a denunciar agressivamente este tipo de história foi François Simiand, em seu artigo *Método histórico e ciência social*.<sup>11</sup>

Quanto a Willy Zumblick, é ainda mais difícil saber onde ele se baseou para pintar seus quadros sobre Anita. Mas um indício dessa inspiração é nos mostrado no próprio livro *Aninha do Bentão*. Dentre tantas ilustrações referentes à Anita e aos lugares em que ela passou encontra-se um retrato-miniatura de Anita, que “é tida como perfeita pela exatidão dos traços que apresenta, tendo recebido elogios da família Garibaldi”.<sup>12</sup> As representações de Anita produzidas por Willy se assemelham aos traços contidos neste retrato-miniatura.<sup>13</sup> A maioria das obras de Willy aqui apresentada faz parte da coleção “O Trajeto de Anita”,

<sup>9</sup> Para melhor compreensão deste assunto Cf. PESAVENTO, Sandra Jatahy. Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar. In: \_\_\_\_\_. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 39 – 62.

<sup>10</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 36.

<sup>11</sup> FURET, François, s.d. Apud REIS, José Carlos. *História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 133.

<sup>12</sup> ZUMBlick, Walter. *Aninha do Bentão*. Tubarão: Secretaria de Educação, Cultura e Esporte, 1980. p. 92.

<sup>13</sup> Imagens 5, 6 e 7.



coleção que foi dedicada ao pesquisador Wolfgang Ludwig Rau<sup>14</sup>, que segundo Lélia da Silva, “é autor da mais completa biografia que se escreveu até hoje sobre Anita Garibaldi”.<sup>15</sup> Este fato é mais um indício de onde Willy pode ter se inspirado para retratar Anita.



Imagem 6: *Retrato de Anita*  
Óleo sobre tela, 0,90m x 1,40m,  
1965  
Acervo: Museu Willy Zumblick  
(Tubarão/SC)  
Fonte: Zumblick Catálogo de  
obras.



Imagem 5: *Retrato de Anita*  
Óleo sobre tela, 0,50m x 0,60m, 1956  
Acervo: Casa de Anita (Laguna/SC).  
Fonte: Zumblick Catálogo de obras.



Imagem 7: *Anita e Giuseppe  
Garibaldi*  
Nanquim sobre papel, 0,17m x  
0,27m, 1984  
Acervo: Lélia Pereira da Silva  
Nunes (Florianópolis/SC)  
Fonte: Zumblick Catálogo de  
obras.

Em *Aninha do Bentão*, Walter traça duas representações diferentes para Anita Garibaldi. A primeira, antes de conhecer Garibaldi, a menina-moça Ana Maria de Jesus Ribeiro ou simplesmente Aninha do Bentão, meiga, feminina, sonhadora, incompreendida por ser uma mulher à frente do seu tempo e ao mesmo tempo rebelde, que não tinha medo de animais nem de homens; e a segunda, Anita Garibaldi, sedenta por um amor verdadeiro e sem medo de buscar a felicidade, a mulher-soldado que se veste com roupas masculinas e ousada a ponto de pegar em armas para ficar ao lado de seu grande amor. Em suas ilustrações, Willy, retrata Anita como a mulher-soldado, enfermeira, mãe desesperada para se salvar e salvar seu filho, amante a procura de seu amado e finalmente a Anita mãe junto com seus filhos e seu amado na Itália, mas quanto à fase da menina-moça antes de conhecer Garibaldi não há nenhuma representação.

Sobre as representações de Anita feitas pelos artistas em geral, Walter diz que:

<sup>14</sup> SILVA, Lélia Pereira da. *Zumblick uma história de vida e de arte*. Brasília: Ed. do Senado Federal, 1993. p. 33.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 52.

Mentiram artisticamente quantos – quase uma dezena – tentaram fixar na tela ou no bronze as feições de Ana Maria de Jesus Ribeiro. (...) Os retratos e os monumentos de Ana Maria, carentes quase todos eles de um original, caminharam pela estrada da dedução que parecia lógica. (...) Mulher-soldado ou mulher-marinheira metida com assombro, nos perigos dos entreveros sanguinolentos, teria, por certo, uma feição que seria aquela que o heroísmo inspirou. (...) Nela, mais que o figurino do guerreiro respingado de sangue, sobrou a mulher meiga que lutou, isso sim, por um outro ideal que foi o seu amor. (...) Num ponto, entretanto, acertaram retratistas e escultores. Todos eles fixaram aquele ar de tristeza que foi companhia durante toda a sua vida.<sup>16</sup>

É provável que Willy compartilhasse do mesmo pensamento de seu irmão, pois suas ilustrações reforçam a imagem de Anita descrita por Walter.

Baseando-se em um artigo<sup>17</sup> publicado pelo jornalista Renato Pio em 1911, onde conta ter colhido depoimentos dados por Licota, uma senhora moradora de Morrinhos e que diz ter conhecido Aninha em sua mocidade, Walter afirma que Ana Maria de Jesus Ribeiro nasceu em Morrinhos de Tubarão e que por volta dos dez anos de idade teve que se mudar para Laguna por causa de um desentendimento com um rapaz. Segundo Renato Pio, Licota afirmou que Aninha “foi a guria mais levada da redondeza”.<sup>18</sup> Sobre o tempo em que Aninha foi casada com o sapateiro Manoel Duarte de Aguiar, o autor diz que, Aninha era expansiva, valente e teimosa, “era a menina-moça que, apesar dos seus quase quinze anos, ainda não havia amadurecido de todo”<sup>19</sup> e tenta redimir a heroína do seu pecado de amar Garibaldi:

No caso específico de José Garibaldi e Ana Maria de Jesus Ribeiro, os acontecidos aos mesmos agregados, estão sendo, hoje, levados à mesa da dissecação definitiva acontecendo que, à nossa heroína melhoram no conceito do povo trechos inteiros da sua vida tão atribulada, onde os sofrimentos ultrapassaram sempre às alegrias que lhe foram tão escassas.

Amou o homem, mesmo pecaminosamente, que a encantara, ela que do seu matrimônio primeiro, tivera somente um desengano total.

Arrostara com altivez a malícia dos olhares trocados e a zombaria daqueles que viviam, à sua volta, no mais cínico dos diz-que-diz-que, querendo encobrir a verdade de que mulheres pecadoras sempre existiram pelo mundo desde Eva do paraíso.

Aninha, pelo muito que depois espiritualmente sofreu, já resgatou quase por inteiro, a dívida que foi o seu pecado de amar.<sup>20</sup>

Em seu retrato sobre Anita, Walter, afirma que “a rigor, mais que uma guerreira, estava no comportamento de Ana de Jesus, isso sim, aquela ternura da amante ofuscada pelo clarão que inundava a bela estampa do homem que morava em Garibaldi”.<sup>21</sup> A guerra “foi um cenário ocasional na vida da nossa heroína. (...) Ana de Jesus lutou por amor e nunca pelo

<sup>16</sup> ZUMBLICK, op. cit., p. 26 – 27.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 17 – 20. O artigo assinado por Renato Pio, pseudônimo de José Luis Martins Colaço, “foi publicado no jornal *Folha do Comércio*, do Rio de Janeiro, em agosto de 1911 e transcrito na *Poliantéa* comemorativa do centenário de Tubarão, em 7 de maio de 1936”.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 20.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 23.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 23.

<sup>21</sup> ZUMBLICK, Walter. *Aninha do Bentão*. Tubarão: Secretaria de Educação, Cultura e Esporte, 1980. p. 36.



ódio”.<sup>22</sup> Seguiria obstinadamente seu amor, “não voltaria ao Rincão vencida e desprezada pelo amante. (...) Ana Maria de Jesus Ribeiro, que não temia morrer lutando, tinha pavor do linguajar e das falas em surdina dos moradores da rua do Rincão”.<sup>23</sup> De acordo com o autor, tentaram obscurecer e diluir os feitos de coragem de Anita, mas já é hora de restituir “o que dela foi abandonado, seja em bravura como soldado, em amor ao homem que escolheu e como a mãe que foi, santa, nobre e carinhosa até o seu desaparecimento na velha Itália”<sup>24</sup>, e isso é o que ele tenta fazer em seu romance. Em algumas ilustrações de Willy, Anita aparece claramente como a mulher-soldado<sup>25</sup>, usando roupas masculinas e empunhando armas; em outra aparece a amante obstinada a procura de seu amor depois de ter sido abandonada por ele<sup>26</sup>; e em outras ainda aparece a mulher carinhosa e dedicada ao cuidar dos enfermos<sup>27</sup> e dos filhos<sup>28</sup>.



Imagem 8: *Anita Tentando Sair do Cerco*  
Óleo sobre tela, 1,40m x 1,60m, 1976  
Acervo: Museu Willy Zumblick (Tubarão/SC)  
Fonte: Zumblick Catálogo de obras.



Imagem 9: *Anita à Procura de Garibaldi*  
Óleo sobre tela, 1,40m x 1,25m, 1978  
Acervo: Museu Willy Zumblick (Tubarão/SC)  
Fonte: Zumblick Catálogo de obras.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 37.

<sup>23</sup> Ibidem, p.43.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 46.

<sup>25</sup> Imagem 8.

<sup>26</sup> Imagem 9.

<sup>27</sup> Imagem 10.

<sup>28</sup> Imagens 11 e 12.



Imagem 10: *Anita Enfermeira*  
Óleo sobre tela, 1,40m x 1,20m, 1978  
Acervo: Museu Willy Zumblick (Tubarão/SC)  
Fonte: Zumblick Catálogo de obras.



Imagem 11: *Garibaldi e Família na Itália*  
Óleo sobre tela, 1,40m x 1,25m, 1970  
Acervo: Museu Willy Zumblick (Tubarão/SC)  
Fonte: Zumblick Catálogo de obras.



Imagem 12: *Fuga de Anita com seu Filho Menotti*  
Óleo sobre tela, 1,50m x 1,00m, 1979  
Acervo: Túlio Zumblick (Tubarão /SC)  
Fonte: Zumblick Catálogo de obras.

A seguir listam-se frases onde Walter continua seu retrato de Anita e onde tenta reforçar a ideia da heroína corajosa e sofredora e da mãe dedicada:

Tinha, assim parecia, a sina andarilha de pisar novas terras, de caminhar sempre para frente, engolindo distância, numa ansiosa busca de um repouso, à justiça e à calma de um lar! (...) Sempre em fuga, porque a fuga era, para ela, o caminho de novos e efêmeros instantes de liberdade.<sup>29</sup>

Heróica sem espalhafato e valente sem as trombetas anunciadoras dos seus feitos, Ana deixa os locais por onde passou a sua vida ainda tão curta, sem tempo para levar aos seus que ficavam, o abraço sentido de um adeus. (...) Na vida da moça morena de Morrinhos não existiam as palavras paz, alegria e amizade. Quantas

<sup>29</sup> ZUMBlick, Walter. *Aninha do Bentão*. Tubarão: Secretaria de Educação, Cultura e Esporte, 1980. p. 46.

vezes, nos seus instantes de fé, não terá ela suplicado clemência e mais coragem para enfrentar o desconhecido, galhofeiro e cínico?<sup>30</sup>

“Ana Maria de Jesus Ribeiro, como sempre e em tudo, era o ânimo que faltava, a coragem necessária, e a esperança, quem sabe, por melhores dias”.<sup>31</sup>

Aninha do Bentão, longe de aproveitar para si calma tão inesperada quanto inexplicável, desenvolveu intenso trabalho de levar curativos aos feridos, ânimo aos que fraquejaram e coragem aos desiludidos do ideal abraçado. A cavalo e vestindo um traje masculino, a moça de Morrinhos desenvolveu uma azáfama que a todos causava espanto e confiança.<sup>32</sup>

Ana não compreendeu jamais os motivos pelos quais Garibaldi a teria abandonado, quando ela, escrevendo o seu maior feito na luta ‘farroupilha’ teve, até, instantes de maluco heroísmo e de coragem, enfrentando sozinha uma soldadesca desordenada e sem consideração à sua qualidade de mulher.<sup>33</sup>

Ao seu feito, tremendamente heróico, as histórias sempre teceram merecidas loas. Espírito superior, tendo até perdoado ao soldado fujão, Aninha demonstra já ter uma desenvoltura apreciável e crescida em inteligência, fato que, no Uruguai e na Itália iria atingir a níveis jamais esperados, e fomentar, à sua volta, muita simpatia e admiração.<sup>34</sup>

Quando grávida pela primeira vez, Anita “desafivelou do cinto a sua espada de tantos combates. O soldado tornara a ser mulher. Um tanto afastada das correrias, dos entreveros, remendava ela velhos trapos com os quais tentaria agasalhar o filho que iria nascer”.<sup>35</sup>

Ao chegar ao Uruguai, “na mulher-soldado que viera do Brasil, despontava meio a medo, mas com certo destaque, a mulher de sociedade que a capital uruguaia a reconhecia como a ‘heroína brasileira’”. “Dentre as modestas aspirações sempre em pauta mas, poucas vezes atendidas, a realização do seu casamento foi, sem dúvida, o ponto máximo no rosário dos desejos tão justos de Anita”.<sup>36</sup>

Quando da viagem de Anita para a Itália juntamente com seus filhos, Walter afirma que, “por ironia, o fim da viagem marítima, seria o início, triste mas verdadeiro, da sua *via crucis*”.<sup>37</sup> Já na Europa “Anita está presente em vários combates. Nessa ocasião havia cortado o cabelo e usava um traje masculino e mais o tradicional chapéu de abas largas enfeitado com uma pluma”.<sup>38</sup> Em uma fuga acompanhando Garibaldi, Anita adoece e morre.

<sup>30</sup> ZUMBlick, Walter. *Aninha do Bentão*. Tubarão: Secretaria de Educação, Cultura e Esporte, 1980. p. 51.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 52.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 53.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 56.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 58.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 60.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 67 e 69.

<sup>37</sup> ZUMBlick, Walter. *Aninha do Bentão*. Tubarão: Secretaria de Educação, Cultura e Esporte, 1980. p. 74.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 78.



Morria sem uma palavra de amargura, sem um gesto de revolta, sem uma imprecisão. Era a Aninha do Bentão, a Anita Garibaldi que iniciava o seu caminho para o país dos espíritos, para o reino dos glorificados, cujo roteiro áspero e ingrato foi vencido com dores, com desenganos, com canseiras e desilusões.<sup>39</sup>

Com estes trechos do livro de Walter Zumblick e com as ilustrações de Willy Zumblick apresentadas no final deste artigo, percebe-se todo um esforço em reforçar a ideia da “Heroína dos Dois Mundos”, corajosa, mãe dedicada, pecadora, mas que se redimiou através de tantos sofrimentos e lutas, e por fim, o retrato da mulher que lutou por amor. Nota-se no livro uma intenção de endear Anita Garibaldi e é forte a presença de descrições do perfil sentimental dela. Quanto a Willy Zumblick é inegável sua habilidade e talento artístico, os retratos de Anita produzidos por ele reforçam o mito da heroína defendido por seu irmão Walter.

Uma análise mais profunda e melhor fundamentada sobre essas representações feitas pelos irmãos Zumblick é de grande importância, mas não cabe aqui fazê-las. A intenção foi mostrar apenas essas representações, instigando ao leitor uma possível e futura análise das representações feitas em torno de Anita Garibaldi ou de Aninha do Bentão,<sup>40</sup> eternizada como um mito, o mito da “Heroína dos Dois Mundos”, e aqui, caberia tomar por empréstimo as palavras do antropólogo Claude Lévi-Strauss que, indagando acerca da representatividade do mito, coloca: “onde acaba o mito e onde começa a História?”<sup>41</sup>

Ainda, no tocante às representações de Anita, caberia ponderar o poder que uma representação pode adquirir, e seus possíveis e intencionais usos, articulando a construção discursiva da representatividade com a construção social dos discursos que a envolvem.<sup>42</sup> Com tudo isso, podemos perceber que muitos “mistérios” ainda permeiam a figura de Anita, e ainda há muito a descobrir.

Fontes:

ZUMBLICK, Walter. *Aninha do Bentão*. Tubarão: Secretaria de Educação, Cultura e Esporte, 1980.

<sup>39</sup> Ibidem, p. 81.

<sup>40</sup> Para uma análise completa das representações contidas no livro *Aninha do Bentão* Cf.: PACHECO, Graziela. *Aninha do Bentão: representações de Anita Garibaldi na obra de Walter Zumblick*. Florianópolis: UDESC, 2007.

<sup>41</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Lisboa: Edições 70, 2007. p. 52.

<sup>42</sup> Para uma teorização acerca de práticas, representações e discursos, Cf.: CHARTIER, Roger. Poderes y limites de la representacion. In: \_\_\_\_\_. *Escribir las prácticas: Foucault, de Certau, Marin*. Argentina: Ediciones Manantial SRL, 2006.



Ilustrações de Willy Zumblick:

- Retrato de Anita, 1956;
- Retrato de Anita, 1965;
- Garibaldi e Família na Itália, 1970;
- Anita Tentando Sair do Cerco, 1976;
- Anita e Giuseppe Garibaldi, 1984;
- Anita à Procura de Garibaldi, 1978;
- Anita Enfermeira, 1978;
- Anita acompanha a invasão de Lages, 1979;
- Anita em combate no Rio Marombas, 1979;
- Anita na batalha naval de Imbituba, 1979;
- A última viagem de Anita, 1979;
- Fuga de Anita com seu Filho Menotti, 1979.

Referências bibliográficas:

BEZ, Volnei Martins; SANTOS, Valmiré Rocha dos; ROCHA, Carlos. *Zumblick - Catálogo de Obras*. Disponível em: <http://www.zumblick.com.br>. Acesso em 16 de maio de 2010.

CHARTIER, Roger. *Escribir las prácticas: Foucault, de Certau, Marin*. Argentina: Ediciones Manantial SRL, 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Lisboa: Edições 70, 2007.

NEUBERGER, Lotário (org.). *Garibaldi: realidade & mito*. Porto Alegre: Ediplat, 2007.

PACHECO, Graziela. *Aninha do Bentão: representações de Anita Garibaldi na obra de Walter Zumblick*. Florianópolis: UDESC, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

REIS, José Carlos. *História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SILVA, Lélia Pereira da. *Zumblick uma história de vida e de arte*. Brasília: Ed. do Senado Federal, 1993.



ZUMBLICK, Walter. *Aninha do Bentão*. Tubarão: Secretaria de Educação, Cultura e Esporte, 1980.

ZUMBLICK, Walter. *Aninha do Bentão*. Florianópolis: Ed. da UDESC, 1999.

Recebido em 21 de janeiro de 2013.

Aceito para publicação em 30 de janeiro de 2013.

